

www.autoresespiritassclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

As pesquisas de William Crookes com o médium Daniel Dunglas Home



Fenômenos espíritas Observados por William Crookes

Durante os anos de 1870-73 e publicados pela primeira vez no *Quartely Journal of Science* de Janeiro de 1874

Assim como um viajante que explora um país longínquo, cujas maravilhas não fossem até então conhecidas senão por notícias e contos de caráter vago e pouco exato, assim, desde quatro anos procedo assiduamente a pesquisas em uma região das ciências naturais que oferece ao homem de ciência um solo quase virgem.

Do mesmo modo que o viajante percebe nos fenômenos naturais de que pode ser testemunha a ação das forças governadas por leis naturais, onde outros não vêem senão a intervenção caprichosa de deuses ofendidos, assim me esforcei por esboçar a operação das leis e das forças da natureza onde outros não têm visto mais que a ação de seres

sobrenaturais, sem dependência de qualquer lei e sem obediência a qualquer força senão a da sua livre vontade.

O viajante, nas suas excursões longínquas, depende inteiramente da boa vontade e da proteção dos chefes e dos que exercem a medicina no meio das tribos entre as quais pára; igualmente, nas minhas pesquisas, não somente recebi em grau assinalado o auxílio dos que possuíam os poderes especiais, que eu procurava examinar, mas ainda contraí sólidas e sérias amizades com muitos homens, reputados diretores de opinião, e deles recebi a hospitalidade.

Como o viajante envia a seu país, quando acha ocasião para isso, uma narração concisa dos seus progressos, narração que é recebida muitas vezes com a incredulidade ou a zombaria, porque necessariamente essa narração não tem nenhuma ligação com tudo o que lhe pôde dar origem; também, em duas ocasiões, reuni e publiquei fatos que me pareciam admiráveis e precisos, mas tendo deixado de descrever as suas fases preliminares – o que teria sido necessário para conduzir o espírito público à apreciação do fenômeno e para mostrar que ele se ligava a outros fatos observados –, esses fatos também não somente encontraram a incredulidade, mas ainda deram origem a muitas apreciações malévolas.

E, enfim, como o viajante que, tendo terminado as suas explorações, volta aos seus antigos colaboradores e reúne todas as suas notas, classifica-as e as põe em ordem a fim de dar ao público uma narração encadeada, assim, chegando ao termo dessa investigação, classifiquei e reuni todas as minhas observações espalhadas, para apresentá-las ao público sob a forma de um volume.

Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos mais enraizados pontos do credo científico – entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação –, que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho de meus sentidos da vista e do tato, testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas

presentes – que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas idéias preconcebidas.ⁱ

Supor que uma espécie de loucura ou de ilusão vem dominar subitamente um grupo de pessoas inteligentes e sensatas, que estão de acordo sobre as menores particularidades e detalhes dos fatos de que são testemunhas, parece-me mais incrível do que os próprios fatos que eles atestam.

O assunto é muito mais difícil e mais vasto do que parece.

Há cerca de quatro anos tive a intenção de consagrar um ou dois meses somente ao trabalho de certificar-me se certos fatos maravilhosos, dos quais eu tinha ouvido falar, poderiam sustentar a prova de um exame rigoroso.

Mas tendo logo chegado à mesma conclusão, como todo pesquisador imparcial, isto é, que “havia alguma coisa aí”, não podia mais, eu, estudante das leis da natureza, recusar-me a continuar nessas pesquisas, qualquer que fosse o ponto a que elas me pudessem conduzir.

Foi assim que alguns meses se tornaram em alguns anos e, se eu pudesse dispor de todo o meu tempo, é possível que as experiências ainda prosseguissem.

Mas outros assuntos de interesse científico e prático reclamam agora a minha atenção; e como não posso consagrar a tais pesquisas o tempo que seria preciso e que mereceriam; como tenho plena confiança que daqui a alguns anos os homens de ciência estudarão esse assunto; como as ocasiões que possuo não são tão propícias quanto o era há algum tempo, porque então o Sr. D. D. Home gozava boa saúde, a Srta. Kate Fox (agora a Sra. Jencken) não estava absorvida pelas suas ocupações domésticas e maternas; por todos esses motivos, vejo-me obrigado a suspender, neste momento, as minhas investigações.

Para obter franco acesso junto às pessoas plenamente dotadas da faculdade sobre as quais se baseiam as minhas experiências, era preciso um crédito maior do que aquele de que um investigador científico pode dispor.

Para os seus adeptos mais convencidos, o Espiritismo é uma religião. Os médiuns, em muitos casos, membros da família, são guardados com grande cuidado, o que só com dificuldade um estranho compreenderia. Credo seriamente e conscienciosamente na verdade de certas doutrinas que repousam sobre o que se lhes afigura como manifestações miraculosas, esses adeptos parecem acreditar que a presença de um investigador científico é uma profanação do santuário. Por favor pessoal, fui admitido mais de uma vez a assistir a reuniões que ofereciam antes o aspecto de uma cerimônia religiosa do que de uma sessão de Espiritismo.

Mas ser admitido, por favor, uma ou duas vezes, como um estranho teria sido autorizado a assistir aos mistérios d'Elêusis, ou um pagão a contemplar o santo dos santos, não é o meio de confirmar os fatos e descobrir-lhes as leis – satisfazer a curiosidade é bem diferente do proceder a uma busca sistemática. Quanto a mim, procuro sempre a verdade.

Em algumas ocasiões me permitiram, é certo, fazer verificações e impor condições; mas somente uma ou duas vezes me foi possível fazer sair a sacerdotisa do seu santuário e, em minha própria casa, rodeado de amigos, aproveitar a ocasião de pôr à prova os fenômenos dos quais fui testemunha em outros lugares, em condições menos concludentes.ⁱⁱ

As minhas observações a esse respeito aparecerão na obra que publicarei.

Seguindo o plano que adotei em outras circunstâncias – plano que, embora contrariando muito as idéias preconcebidas de certos críticos, me parecia, por boas razões, aceitável aos leitores do *Quartely Journal of Science* –, tinha eu a intenção de apresentar os resultados de meu trabalho sob a forma de um ou dois artigos para esse jornal. Mas, revendo as minhas notas, achei tal riqueza de fatos, tal superabundância de provas, tão esmagadora massa de testemunhos, que, para as pôr todas em ordem, era preciso encher vários números do *Quartely*.

É mister, pois, que atualmente me limite a dar um esboço dos meus trabalhos, reservando para outra ocasião as provas e os detalhes mais amplos.

O meu fim principal será, pois, fazer conhecer a série das manifestações que se produziram em minha casa, em presença de testemunhas dignas de fé e sob as condições dos mais severos exames que pude imaginar. Ademais, cada fato que observei é corroborado por pessoas independentes, que o observaram em outros tempos e em outros lugares.

Ver-se-á que todos esses fatos têm o caráter mais surpreendente e que parecem inteiramente inconciliáveis com todas as teorias conhecidas da ciência moderna.

Tendo-me assegurado da sua realidade, seria uma covardia moral negar-lhes o meu testemunho, só porque as minhas publicações precedentes foram ridicularizadas por críticos e outras pessoas que nada em absoluto conheciam do assunto e que supunham ter bastante critério para ver e julgar por si mesmas se esses fenômenos eram ou não verdadeiros.

Direi simplesmente tudo o que vi e o que me foi provado por experiências repetidas e verificadas, e tenho ainda necessidade de que me demonstrem não ser razoável esforçar-se uma pessoa por descobrir as causas de fenômenos inexplicados.

Primeiro que tudo devo retificar um ou dois erros que se acham implantados profundamente no espírito público. Um, o de ser a escuridão essencial à produção dos fenômenos. Isso não é exato. Exceto alguns casos nos quais a escuridão tem sido uma condição indispensável, como, por exemplo, nos fenômeno de aparições luminosas e em alguns outros, tudo o que narro produziu-se à luz..

Nos poucos casos em que os fenômenos descritos foram produzidos na escuridão, tive muito cuidado de os mencionar; ademais, quando alguma razão particular exigia a extinção da luz, os resultados que se manifestaram estiveram em condições de controle tão perfeitos que a supressão de um dos nossos sentidos não pôde realmente enfraquecer a prova fornecida.

Outro erro corrente consiste em crer que as manifestações só se podem produzir a certas horas e em certos lugares – em casa do médium, ou em horas combinadas previamente – e partindo dessa suposição

errônea têm-se estabelecido uma analogia entre os fenômenos chamados espíritas e os passes dos prestidigitadores e mágicos que operam nos teatros, os quais se cercam de tudo o que pertence à sua arte.

Para fazer ver quanto tudo isso está longe de ser verdadeiro, não tenho necessidade senão de dizer que, afóra algumas raras exceções, as centenas de fatos que me preparo para atestar, para serem imitados pelos meios físicos ou mecânicos conhecidos, desafiariam a habilidade de um Houdin, de um Bosco, de um Anderson, protegida por todos os recursos de máquinas engenhosas e da sua prática de longos anos. Essas centenas de fatos produziram-se na minha própria casa, nas épocas por mim designadas e em circunstâncias que excluía absolutamente o emprego e o auxílio do mais simples instrumento.

Um terceiro erro é este: que o médium deve escolher a sua roda de amigos e companheiros que podem assistir à sessão; que esses amigos devem crer firmemente na verdade da doutrina, seja qual for, que o médium enunciar; que se imponham às pessoas de espírito investigador condições tais que impeçam completamente toda observação cuidadosa e facilitem a superstição e a fraude.

A isso posso responder afirmando que à exceção de alguns casos mui pouco numerosos de que se tratou em um parágrafo precedente (ver a nota nº 2), caso que os motivos de exclusão, quaisquer que fossem, não serviam certamente de véu para o embuste, compus eu mesmo a minha roda de amigos, introduzi todos os incrédulos que me convieram, e geralmente impus condições escolhidas com cuidado por mim mesmo, para evitar toda possibilidade de fraude.

Tendo-me assenhoreado pouco a pouco de algumas condições que facilitavam a produção dos fenômenos, as minhas pesquisas foram geralmente coroadas de igual êxito, e mesmo, em muitos casos, tive êxito superior ao que foi obtido em outras ocasiões onde, em virtude de falsas idéias sobre a importância de algumas práticas insignificantes, as condições impostas podiam tornar menos fácil a descoberta da fraude.

Eu disse que a escuridão não é essencial. Entretanto, é fato bem conhecido que, quando a força é fraca, a luz muito viva exerce uma ação que contraria alguns fenômenos.

A força do Sr. Home é bastante significativa para subjugar essa influência contrária; assim, ele não admite escuridão nas suas sessões.

Afirmo que, exceto duas vezes em que, para algumas experiências, a luz foi suprimida, tudo que testemunhei foi produzido por ele em plena claridade.

Tive diversas ocasiões de experimentar a ação da luz provinda de diferentes fontes e de cores variadas: – a luz do Sol, luz difusa, luar, gás, lâmpada, vela, luz elétrica, luz amarela, homogênea, etc.

Os raios que contrariam as manifestações parecem ser os da extremidade do espectro.

Vou, agora, proceder à classificação dos fenômenos que observei, indo dos mais simples aos mais complexos, e dando rapidamente, em cada capítulo, uma exposição sumária de alguns dos fatos que vou expor.

Os meus leitores deverão bem se lembrar que, à exceção dos casos especialmente designados, as manifestações se realizavam em minha casa, à luz, e somente em presença de amigos meus e do médium.

No volume que tenho em projeto proponho-me dar com minúcias todas as verificações que fiz, todas as precauções que tomei em cada ocasião e os nomes de todas as testemunhas. Nesta memória tratarei delas superficialmente.



Movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico

Eis uma das formas mais simples dos fenômenos que observei. Ela varia em grau, desde o tremor de um aposento e do seu conteúdo, até a elevação ao ar de um corpo pesado, quando a mão está colocada em cima. Pode-se objetar que, ao se tocar uma coisa que está em movimento, é possível empurrá-la, atraí-la ou levantá-la; provei, por experiência, que em casos numerosos isso não se verifica; mas, a título de provas, ligo pouca importância a esta classe de fenômenos, e só os

menciono como preliminares de outros movimentos do mesmo gênero, produzidos, porém, sem contato.

Esses movimentos, posso mesmo dizer, os fenômenos da mesma natureza, são geralmente precedidos de um resfriamento do ar, todo especial, que chega, algumas vezes, a tornar-se um vento bem pronunciado. Sob a sua influência vi folhas de papel elevarem-se e o termômetro baixar de vários graus. Em outras ocasiões, das quais mais tarde darei pormenores, não notei nenhum movimento real de ar, mas o frio foi tão intenso que só posso compará-lo ao que se sente quando se tem a mão a algumas polegadas do mercúrio gelado.



Fenômeno de percussão e outros sons da mesma natureza

O nome popular de pancadas dá uma idéia muito falsa desse gênero de fenômenos.

Por diferentes vezes, durante as minhas experiências, ouvi pancadas delicadas, como produzidas pela ponta de um alfinete; uma cascata de sons penetrantes como os de qualquer máquina de indução em plena atividade; detonações no ar, ligeiros ruídos metálicos agudos; estalidos como os que se ouvem quando uma máquina de fricção está em atividade; sons que pareciam arranhadelas; gorjeios como os de um pássaro, etc.

Esses ruídos, que verifiquei com quase todos os médiuns, têm cada um sua particularidade especial.

Com o Sr. Home, são mais variados; mas, quanto à força e regularidade, não encontrei absolutamente ninguém que pudesse aproximar-se da Sra. Kate Fox.

Durante vários meses tive o prazer de, em inúmeras ocasiões, verificar os fenômenos variados que se produziam em presença dessa senhora, e foram esses ruídos que especialmente estudei.

É geralmente necessário, com os outros médiuns, para uma sessão regular, que todos fiquem sentados e em silêncio, mas com a Sra. Fox parece-lhe simplesmente necessário colocar a mão sobre qualquer parte, para que sons ruidosos aí se façam ouvir, como que triplo choque, e algumas vezes com bastante força para serem ouvidos através de vários aposentos.

Ouvi-os assim produzirem-se em uma árvore, num grande quadro de vidro, em um arame esticado, numa membrana distendida, em um tamboril, sobre a cobertura de uma carruagem e no tablado de um teatro. Ainda mais, o contato imediato nem sempre é necessário; ouvi esses ruídos saírem do soalho, das paredes, etc., quando a médium tinha as mãos e os pés ligados, quando estava em pé sobre uma cadeira, quando se achava em uma balança suspensa do teto, quando estava encerrada em uma gaiola de ferro e quando em letargia numa poltrona. Ouvi-os sobre os vidros de uma harmônica, senti-os sobre os meus próprios ombros e sob as minhas mãos. Ouvi-os sobre uma folha de papel segura entre os meus dedos, por uma extremidade de fio passado num canto dessa folha.

Com pleno conhecimento das numerosas teorias que foram apresentadas antes, sobretudo na América, para explicar esses sons, experimentei-os de todas as maneiras que pude imaginar, até não mais ser possível furtar-me à convicção de que eram bem reais e que não se produziam pela fraude ou por meios mecânicos.

Uma questão importante impõe-se à nossa atenção: esses movimentos e esses ruídos são governados por uma inteligência? Desde o começo das minhas pesquisas, verifiquei que o poder que produzia esse fenômenos não era simplesmente uma força cega, mas que uma inteligência os dirigia, ou pelo menos lhes estava associada; assim os ruídos de que acabo de falar foram repetidos em número determinado; tornaram-se fortes ou fracos e, a meu pedido, ressoaram em diferentes lugares; por um vocabulário de sinais, convencionados previamente, foram respondidas perguntas e dadas comunicações com maior ou menor exatidão.

A inteligência que governa esse fenômenos é algumas vezes manifestamente inferior à do médium e está muitas vezes em oposição

direta aos seus desejos. Quando se tomava a determinação de fazer alguma coisa, que não podia ser considerada muito razoável, contínuas comunicações eram dadas para induzir a refletir de novo.

Essa inteligência é, algumas vezes, de tal caráter, que nos vemos forçados a crer não provenha de nenhuma das pessoas presentes.

Eu poderia dar vários exemplos como prova dessas alegações, porém, mais tarde, quando tratar da origem dessa inteligência, o assunto será discutido mais a fundo.



Movimentos de objetos pesados colocados a certa distância do médium

Os exemplos em que os corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, canapés, se põem todos em movimento, sem o contato do médium, são muito numerosos.

Indicarei resumidamente alguns deles, dos mais surpreendentes.

A minha própria cadeira descreveu em parte um círculo, não estando os meus pés repousados no soalho.

Sob as vistas de todos os assistentes, uma cadeira veio lentamente de um canto, distante da sala, o que todas as pessoas presentes confirmaram; em certa ocasião, uma poltrona chegou até ao lugar em que nos achávamos sentados e, a meu pedido, retrocedeu lentamente, à distância de cerca de três pés.

Durante três sessões consecutivas, uma pequena mesa moveu-se lentamente pelo meio da sala, nas condições que eu tinha expressamente preparado, a fim de responder a qualquer objeção que se pudesse levantar contra esses fatos.

Obtive, várias vezes, a repetição de uma experiência, que a comissão da Sociedade Dialética considerou como concludente, a saber: o movimento de uma pesada mesa em plena luz, quando as costas das cadeiras estavam voltadas para a mesa e as pessoas ajoelhadas em suas cadeiras, com as mãos apoiadas nas costas, e sem tocar a mesa.

Uma vez, esses fatos produziram-se durante o tempo em que eu ia e voltava, procurando ver como cada um estava colocado.



Mesas e cadeiras elevadas do chão sem ninguém lhes tocar

Quando manifestações desses gêneros são expostas, faz-se geralmente esta consideração:

“Por que são somente as mesas e as cadeiras que produzem tais efeitos?”

“Por que essa propriedade é particular aos móveis?”

Poderei responder que só faço observar e narrar os fatos e que não entro nos porquês – mas é claro que, se em uma sala de jantar comum, um corpo pesado, inanimado, deve elevar-se acima do soalho, não pode ser outro senão uma mesa ou uma cadeira.

Tenho numerosas provas de que essa propriedade não é particular somente aos móveis; mas, como para as outras demonstrações experimentais, a inteligência ou a força, qualquer que seja, que produz esses fenômenos, só pode servir-se dos objetos que acham apropriados ao fim.

Em cinco ocasiões diferentes, uma pesada mesa de sala de jantar elevou-se de algumas polegadas a um pé e meio acima do soalho, e em condições especiais que tornavam a fraude impossível.

Em outra ocasião, uma pesada mesa elevou-se acima do soalho, em plena luz, enquanto eu segurava os pés e as mãos do médium.

Ainda outra vez, a mesa elevou-se do solo, não somente sem que lhe tocassem, mas ainda nas condições que eu tinha previamente preparado, de maneira a pôr fora de dúvida a prova desses fatos.



Elevação de corpos humanos

Estes fatos produziram-se quatro vezes em minha presença, na escuridão.

A fiscalização sob a qual se realizaram foi inteiramente satisfatória, ao menos tanto quanto se pode julgar; mas a demonstração pela vista, de um fato igual, é tão necessária para destruírem as nossas idéias preconcebidas sobre o que é naturalmente possível ou não, que só mencionarei aqui os casos em que as deduções da razão foram confirmadas pelo sentido da visão.

Certa vez, vi uma cadeira, na qual uma senhora se achava sentada, elevar-se a várias polegadas do solo. Uma outra vez, para afastar toda suposição de que essa elevação era produzida pela própria senhora, ela ajoelhou-se sobre a cadeira, de tal modo que os quatro pés desta eram visíveis para nós, e a cadeira elevou-se cerca de três polegadas, ficou suspensa durante dez segundos, mais ou menos, e em seguida desceu lentamente. Uma outra vez ainda, dois meninos, em duas ocasiões diferentes, elevaram-se do chão com as suas cadeiras, em pleno dia e sob as mais satisfatórias condições, pois eu estava de joelhos e não perdia de vista os pés da cadeira, observando que ninguém podia tocá-los.

Os casos mais notáveis de elevação de que fui testemunha realizaram-se com o Sr. Home.

Em três ocasiões diferentes, vi-o elevar-se completamente acima do soalho da sala.

A primeira vez, estava ele sentado em um canapé; a segunda, de joelhos sobre uma cadeira, e a terceira, de pé.

De cada vez, tive toda a liberdade possível para observar o fato, no momento em que ele se produzia.

Há pelo menos cem casos bem verificados de elevação do Sr. Home, produzidos em presença de muitas pessoas diferentes; e ouvi mesmo da boca de três testemunhas – o conde de Dunraven, lord Lindsay e o

capitão C. Wynne – a narração dos casos mais notáveis desses gêneros, acompanhados dos menores incidentes.

Rejeitar a evidência dessas manifestações equivale a rejeitar todo o testemunho humano, qualquer que seja, pois que não há fato, na história sagrada ou na profana, que se apóie sobre provas mais decisivas.

O número de testemunhas que confirmam as elevações do Sr. Home é enorme.

Seria muito para louvar que alguém, cujo testemunho fosse reconhecido como concludente pelo mundo científico (se é que existe alguém cujo testemunho em favor de semelhantes fenômenos possa ser admitido), quisesse, séria e pacientemente, estudar esse gênero de fatos.

Muitas testemunhas oculares dessas elevações vivem ainda e não recusariam, certamente, atestá-las. Mas daqui a alguns anos será muito difícil, senão impossível, obter diretamente essas provas.



Movimento de diversos objetos sem contato

Sob esse título proponho-me descrever alguns fenômenos especiais de que fui testemunha. Só posso indicar aqui alguns fatos dos mais salientes, de que todos se lembrem bem, produzidos em condições tais que qualquer artifício se tornava impossível. Atribuir esse resultados à fraude é absurdo, pois lembrarei ainda aos meus leitores que o que refiro não foi executado em casa do médium, mas em minha própria casa, onde era inteiramente impossível preparar-se antecipadamente qualquer truque.

Um médium, circulando em minha sala de jantar, não podia, estando eu sentado em outra parte da sala, com várias pessoas que o observávamos atentamente, fazer tocar, por fraude, uma harmônica, que eu segurava em minha mão, com as teclas para baixo, ou fazer flutuar essa mesma harmônica aqui e ali na sala, enquanto ela tocava durante todo o tempo.

Não podia trazer consigo um aparelho para agitar as cortinas das janelas, ou elevar as venezianas até oito pés de altura; dar nó em um lenço e colocá-lo em um canto distante da sala; vibrar notas, à distância, em um piano; projetar um porta-carta através do aposento; levantar uma garrafa e um cálice acima da mesa; fazer erguer-se um colar de coral numa das extremidades; fazer mover um leque e abanar os assistentes, ou ainda pôr em movimento um pêndulo encerrado em uma vitrina, solidamente presa à parede.



Aparições luminosas

Essas manifestações, sendo um tanto fracas, exigem, em geral, que o aposento não esteja iluminado.

Tenho apenas necessidade de lembrar aos meus leitores que, em iguais condições, tomei todas as precauções convenientes para evitar que lançassem mão de óleo fosforado ou outros meios.

Ademais, muitas dessas luzes eram de natureza tal, que não pude chegar a imitá-las por meios artificiais.

Sob as mais rigorosas condições de exame, vi uns corpos sólidos, luminosos por si mesmo, pouco mais ou menos do volume e da forma de um ovo de perua, flutuar, sem ruído, pelo meio do aposento, elevar-se, por momentos, mais alto do que poderia fazer qualquer dos assistentes que se apoiasse sobre a ponta dos pés, e depois descer, vagarosamente, para o soalho.

Esse objeto foi visível durante mais de dez minutos e, antes de desaparecer, bateu três vezes na mesa, com ruído semelhante ao de um corpo duro e sólido.

Durante esse tempo o médium estava prostrado em um canapé e parecia inteiramente insensível.

Vi pontos luminosos saltarem de um e outro lado e repousarem sobre a cabeça de diferentes pessoas; tive resposta a questões que havia

formulado, por meio de clarões de luz brilhante, que se produziram diante do meu rosto, em certo número de vezes por mim prefixado.

Vi centelhas arremessarem-se da mesa ao teto e em seguida recaírem sobre a mesa com ruído muito distinguível.

Obtive uma comunicação alfabética por meio de clarões luminosos que se produziam no ar, diante de mim, e no meio dos quais eu passava a mão.

Vi uma nuvem luminosa flutuar em cima de um quadro. Sempre sob as mais rigorosas condições de exame, aconteceu-me mais de uma vez que um corpo sólido, fosforescente, cristalino, fosse posto em minha mão por outra que não pertencia a nenhuma das pessoas presentes.

Em plena luz, vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliotrópio colocado em cima de uma mesa, ao nosso lado, quebrar-lhe um galho e trazê-lo a uma senhora; em algumas ocasiões, percebi uma nuvem semelhante condensar-se sob nossos olhos, tomando uma forma de mão e transportar pequenos objetos. Mas isso pertence antes à classe dos fenômenos que se seguem.



Aparições de mãos, luminosas por si mesmas, ou visíveis à luz ordinária

Sentem-se muitas vezes contatos de mãos durante as sessões às escuras, ou em condições em que não é possível vê-las. Raramente tenho visto essas mãos.

Não darei aqui exemplos em que os fenômenos são produzidos na escuridão, escolherei porém alguns dos casos numerosos em que vi essas mãos em plena luz.

Pequena mão de muito bela forma elevou-se de uma mesa da sala de jantar e deu-me uma flor; apareceu e depois desapareceu três vezes, o que me convenceu de que essa aparição era tão real quanto a minha própria mão.

Isso se passou à luz, em minha própria sala, estando os pés e as mãos do médium seguros por mim, durante esse tempo.

Em outra ocasião, uma pequena mão e um pequeno braço, iguais aos de uma criança, apareceram agitando-se sobre uma senhora que estava sentada perto de mim.

Depois, a aparição veio a mim, bateu-me no braço, e puxou várias vezes o meu paletó.

Outra vez, um indicador e um polegar foram vistos arrancando as pétalas de uma flor que estava na botoeira do Sr. Home e depositando-as diante de várias pessoas, sentadas perto dele.

Várias vezes, eu mesmo e outras pessoas observamos mão estranha comprimindo as teclas de uma harmônica, ao passo que, no mesmo momento, víamos as mãos do médium, que algumas vezes eram seguras pelas pessoas que se achavam perto dele.

As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos e de pessoa viva. Algumas vezes, é preciso dizer, ofereciam antes a aparência de nuvem vaporosa, condensada em parte, sob a forma de mão.

Todos os que se achavam presentes não a percebiam igualmente bem. Por exemplo, quando se vê mover uma flor ou qualquer outro pequeno objeto, um dos assistentes notará um vapor luminoso pairar em cima; um outro descobrirá uma mão de aparência nebulosa, enquanto outros apenas verão a flor em movimento.

Vi mais de uma vez, primeiramente, um objeto mover-se, em seguida uma nuvem luminosa que parecia formar-se ao redor dele e, enfim, a nuvem condensar-se, tomar forma e transformar-se em mão, perfeitamente acabada. Nesse momento, todas as pessoas presentes podiam ver essa mão. Nem sempre ela é uma simples forma, pois algumas vezes parece perfeitamente animada e graciosa: os dedos movem-se e a carne parece ser tão humana quanto à de qualquer das pessoas presentes.

No punho e nos braços torna-se vaporosa e perde-se em uma nuvem luminosa.

Ao contato, essas mãos pareceram algumas vezes frias como o gelo e mortas; outras vezes me pareceram quentes e vivas e apertaram a minha mão com a firmeza de um velho amigo.

Retive uma dessas mãos, bem resolvido a não deixá-la escapar. Nenhuma tentativa, nenhum esforço foi feito para fazer-me largar a presa, mas pouco a pouco essa mão pareceu dissolver-se em vapor, e foi assim que ela se libertou da prisão.



Escrita direta

É esta a expressão empregada para designar a escrita que não é produzida por nenhuma das pessoas presentes.

Obtive várias vezes palavras e comunicações escritas em papel marcado com o meu sinete particular e, sob as mais rigorosas condições de controle, ouvi na escuridão o ranger do lápis a mover-se sobre o papel.

As precauções, previamente tomadas por mim, eram tão grandes que eu estava perfeitamente convencido como se houvesse visto os caracteres se formarem. Mas, como o espaço não me permite entrar em todas as minúcias, limitar-me-ei a citar os casos nos quais meus olhos, tão bem quanto meus ouvidos, foram testemunhas da operação.

O primeiro fato, que citarei, produziu-se, é certo, em uma sessão às escuras, mas o seu resultado não foi menos satisfatório.

Eu estava sentado perto da médium, a Sra. Fox; não havia outras pessoas presentes, além de minha mulher e uma senhora nossa parenta, e eu segurava as mãos da médium com uma das minhas, enquanto que seus pés estavam sobre os meus.

Diante de nós, sobre a mesa, havia papel e a minha mão livre segurava o lápis.

Mão luminosa desceu do teto da sala e, depois de ter pairado perto de mim durante alguns segundos, tomou-me o lápis, escreveu rapidamente

numa folha de papel, abandonou o lápis e, em seguida, elevou-se acima das nossas cabeças, perdendo-se pouco a pouco na escuridão.

O meu segundo exemplo pode ser considerado um insucesso.

Um grande revés ensina muitas vezes mais do que a experiência mais bem sucedida.

Essa manifestação se realizou à luz, em minha própria sala, e somente em presença do Sr. Home e de alguns amigos íntimos.

Várias circunstâncias, das quais é inútil fazer a narração, me tinham mostrado que o poder do Sr. Home era muito forte essa noite. Exprimi, pois, o desejo de ser testemunha, nesse momento, da produção de uma comunicação escrita, do modo pelo qual antes eu tinha ouvido narrar por um dos meus amigos.

Imediatamente nos deram a seguinte comunicação alfabética: “Experimentaremos”.

Colocamos algumas folhas de papel e um lápis no meio da mesa e, então, o lápis ergueu-se apoiando-se sobre a ponta, avançou para o papel com saltos mal seguros e caiu. Em seguida, tornou a levantar-se e a cair ainda. Uma terceira vez se esforçou, mas sem obter melhor resultado.

Depois dessas três tentativas infrutíferas, uma pequena régua, que se achava ao lado sobre a mesa, resvalou para o lápis e elevou-se a algumas polegadas acima da mesa, o lápis levantou-se de novo, apoiou-se na régua, e ambos fizeram esforço para escrever no papel. Depois de terem experimentado três vezes, a régua abandonou o lápis e voltou ao seu lugar; o lápis tornou a cair sobre o papel, e uma comunicação alfabética nos disse: “Experimentamos satisfazer o vosso pedido, porém está acima do nosso poder”.



Formas e figuras de fantasmas

Esses fenômenos são os mais raros de todos os de que fui testemunha. As condições necessárias à sua aparição dir-se-iam tão delicadas, e é

preciso tão pouca coisa para contrariar a manifestação, que só tive raríssimas ocasiões de os ver em condições satisfatórias. Mencionarei dois desses casos.

Ao cair do dia, durante uma sessão do Sr. Home, em minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela que estava cerca de oito pés de distância do Sr. Home.

Uma forma sombria, obscura, meio transparente, semelhante a uma forma humana, foi vista por todos os assistentes, em pé, perto da janela da sacada, e essa forma agitava a cortina com a mão. Enquanto a olhávamos, desapareceu e as cortinas deixaram de se mover.

O caso que se segue é ainda mais surpreendente. Como no caso anterior, o Sr. Home era o médium. Uma forma de fantasma avançou de um canto da sala, foi tomar uma harmônica e em seguida deslizou ligeira pela sala, tocando esse instrumento. Essa forma foi visível, durante vários minutos, por todas as pessoas presentes, ao mesmo tempo em que se via também o Sr. Home. O fantasma aproximou-se de uma senhora que estava sentada a certa distância dos demais assistentes e, a um pequeno grito dessa senhora, desapareceu.



Casos particulares parecendo indicar a ação de uma inteligência exterior

Ficou já provado que esses fenômenos são governados por uma inteligência. É muito importante conhecer a fonte dessa inteligência.

É do médium, de uma das pessoas presentes que estão no aposento, ou antes essa inteligência estará fora deles? Sem querer, presentemente, pronunciar-me de modo positivo sobre esses pontos, posso dizer que, ao verificar que em muitos casos a vontade e a inteligência do médium parecem ter muita ação sobre os fenômenos, observei também vários casos que parecem mostrar, de maneira concludente, a ação de uma inteligência exterior e estranha a todas as pessoas presentes.ⁱⁱⁱ

O espaço não me permite dar aqui todos os argumentos que se podem apresentar para provar essas asserções, mas entre grande número de fatos mencionarei resumidamente um ou dois.

Em minha presença vários fenômenos se produziram ao mesmo tempo, sendo que a médium não os conhecia todos. Cheguei a ver a Sra. Fox escrever automaticamente uma comunicação para um dos assistentes, enquanto uma outra comunicação sobre outro assunto lhe era dada para uma outra pessoa por meio do alfabeto e por “pancadas”. Durante todo esse tempo a médium conversava com uma terceira pessoa, sem o menor embaraço, sobre assunto completamente diferente dos outros dois.

Caso talvez mais surpreendente é o seguinte: durante uma sessão com o Sr. Home, a pequena régua, de que já falei, atravessou a mesa para vir a mim, em plena luz, e deu-me uma comunicação, batendo-me em uma das mãos.

Eu soletrava o alfabeto e a régua batia nas letras necessárias; a outra extremidade da régua repousava na mesa, a certa distância das mãos do Sr. Home.

As pancadas eram tão claras e tão precisas e a régua estava tão evidentemente sob a influência de um poder invisível que lhe dirigia os movimentos, que eu disse:

– A inteligência que dirige os movimentos desta régua pode mudar o caráter dos seus movimentos e dar-me por meio de pancadas, em minha mão, uma comunicação telegráfica com o alfabeto Morse?”

Tenho todos os motivos para crer que o alfabeto Morse era inteiramente desconhecido das pessoas presentes e eu mesmo não o conhecia perfeitamente. Mal acabava de pronunciar aquelas palavras, o caráter das pancadas mudou; mas a comunicação continuou da maneira que eu tinha pedido. As letras foram-me dadas rapidamente, de modo que não pude apanhar senão uma ou outra palavra, e, por conseguinte, essa comunicação se perdeu; mas eu tinha visto o bastante para convencer-me de que na outra extremidade da régua havia um bom operador de Morse, qualquer que ele fosse.

Ainda outro exemplo: uma senhora escrevia automaticamente por meio da prancheta; experimentei descobrir o meio de provar que o que ela escrevia não era devido à ação inconsciente do cérebro. A prancheta, como o fazia sempre, afirmava que, ainda que fosse posta em movimento pela mão e pelo braço dessa senhora, a inteligência que a dirigia era a de um ser invisível, que se servia do cérebro da senhora como de um instrumento de musica, e fazia, assim, mover-lhe os músculos.

Disse eu, então, a essa inteligência:

– Vê o que há neste aposento?

– Sim – escreveu a prancheta.

– Vês este jornal e podes lê-lo? – acrescentei, colocando o dedo sobre um número do Times que estava em uma mesa atrás de mim, mas sem olhá-lo.

– Sim – respondeu a prancheta.

– Bem – disse eu –, se podes vê-lo, escreve a palavra que está agora coberta por meu dedo e dar-te-ei crédito.

A prancheta começou a mover-se lentamente, e com alguma dificuldade escreveu a palavra “however”. Voltei-me e vi que a palavra however estava coberta pela extremidade do meu dedo.

Quando fiz essa experiência, tinha evitado, de propósito, olhar para o jornal, sendo impossível à senhora, embora o tentasse, ver uma só das palavras impressas, porque estava assentada perto de uma mesa, além de que o jornal estava sobre outra, que se achava atrás de mim, e o meu corpo interceptava-lhe a vista.



Manifestações diversas de caráter complexo

Sob esse título me proponho fazer conhecer algumas das manifestações que, por causa do seu caráter complexo, não podem ser classificadas diferentemente. Entre mais de doze fatos, escolherei dois. O

primeiro produziu-se em presença da Sra. Kate Fox e para torná-lo inteligível é preciso que entremos em alguns pormenores.

A Sra. Fox tinha-me prometido dar uma sessão em minha casa, numa noite de primavera do ano passado; enquanto eu a esperava, uma senhora nossa parenta e os meus dois filhos mais velhos, um de catorze anos e o outro de onze, achavam-se na sala de jantar, onde as sessões sempre se realizavam, e eu mesmo me achava só na minha biblioteca, ocupado em escrever. Ouvindo uma carruagem parar e a campainha tocar, abri a porta à Sra. Fox, e conduzi-a logo para a sala de jantar, porque me disse ela que, não podendo demorar-se muito, não subiria; colocaram numa cadeira o seu chapéu e o xale. Dirigindo-me então para a porta da sala de jantar, mandei que meus dois filhos fossem para a biblioteca estudar as suas lições; fechei a porta, dei volta à chave e, conforme meu hábito durante as sessões, meti a chave no bolso.

Sentamo-nos. A Sra. Fox ficou à minha direita e a outra senhora à esquerda. Recebemos logo uma comunicação alfabética convidando-nos a apagar o gás; apagamo-lo, ficando em escuridão completa e durante a qual mantive, em uma das minhas, as mãos da Sra. Fox. Quase no mesmo instante uma comunicação nos foi dada nestes termos: “Vamos produzir um fenômeno que vos dará a prova do nosso poder” e, quase imediatamente depois, ouvimos todos o tilintar de uma companhia, não estacionária, mas que ia e vinha de todos os lados, na sala: ora perto da parede, ora outra vez em um canto distante; ora me tocava na cabeça, em seguida batia no soalho; depois de ter assim soado, na sala, durante pelo menos cinco minutos, a campainha caiu sobre a mesa, muito perto das minhas mãos.

Enquanto durou o fenômeno, ninguém se moveu e as mãos da Sra. Fox ficaram perfeitamente imóveis. Eu pensava que não podia ser a minha campainha que tocava, pois a tinha deixado em minha biblioteca. (Pouco tempo antes da chegada da Sra. Fox, tive necessidade de um livro, que se achava no canto de uma prateleira; a campainha estava sobre o livro e eu a tinha posto de lado para poder retirá-lo. Esse pequeno incidente me assegurava que a campainha estava na biblioteca). O gás iluminava vivamente o corredor para o qual dava a porta da sala

de jantar, de tal maneira que essa porta não podia abrir-se sem deixar a luz penetrar na sala onde nos achávamos; ademais, para abri-la, havia só uma chave e eu a tinha no bolso.

Acendi uma vela.

Não havia dúvida; era realmente uma campainha que estava sobre a mesa, diante de mim. Fui direto à biblioteca; de um relance vi que a campainha não estava mais onde devia achar-se.

Perguntei, então, a meu filho mais velho:

– Sabes onde está minha campainha?

– Sim, papai, ei-la: – respondeu-me e apontava o lugar onde eu a tinha deixado. Pronunciando essas palavras, ele levantou os olhos e continuou assim:

– Não, ela não está ali, mas estava há bem pouco tempo.

– Que queres dizer? Que alguém veio buscá-la?

– Não – disse ele –, ninguém entrou; mas tenho certeza de que ela estava ali, porque logo que nos fizestes sair da sala de jantar, a fim de irmos para aqui, J... (o mais moço de meus filhos) começou a tocá-la com tanta força que eu não podia estudar minhas lições, e lhe disse que parasse.

J... confirmou essas palavras e acrescentou que depois de ter tocado a campainha a tinha colocado no mesmo lugar.

O segundo caso, que vou narrar, verificou-se à luz, em um domingo à noite, em presença do Sr. Home e de alguns membros de minha família, somente. Minha mulher e eu tínhamos passado o dia no campo e trouxemos de lá algumas flores que havíamos colhido. Chegando à casa, entregamo-las à criada para pô-las na água. O Sr. Home chegou logo depois e todos nos dirigimos para a sala de jantar. Quando nos sentamos, a criada trouxe as flores que tinha posto em um vaso; coloquei-as no meio da mesa, cuja toalha tinha sido retirada: era a primeira vez que o Sr. Home via essas flores.

Depois de obtidas muitas manifestações, a conversa veio cair sobre certos fatos que pareciam não se poderem explicar senão admitindo que

a matéria podia realmente passar através de uma substância sólida. A esses propósitos a comunicação que se segue nos foi dada alfabeticamente: “É impossível a matéria passar através da matéria, mas vamos mostrar o que podemos fazer.”

Esperamos em silêncio; uma aparição luminosa foi logo vista pairando sobre o ramalhete de flores; depois, à vista de todos, uma haste de erva da China, de 15 polegadas de comprimento, que ornamentava o centro do ramalhete, elevou-se lentamente do meio das outras flores e, em seguida, desceu à mesa defronte do vaso, entre este e o Sr. Home; chegando à mesa, essa haste não se demorou, mas atravessou-a em linha reta, e todos a vimos muito bem até passar por completo.

Logo depois da desaparecimento da erva, minha mulher, que estava sentada ao lado do Sr. Home, viu, entre ela e ele, mão estranha que vinha de debaixo da mesa e que segurava a haste da erva com a qual lhe bateu duas ou três vezes sobre os ombros, com um ruído que todos ouviram; depois depositou a erva no soalho e desapareceu. Só duas pessoas viram a mão, porém todos os assistentes perceberam o movimento da erva. Enquanto isso se passava, podiam todos ver as mãos do Sr. Home colocadas tranqüilamente sobre a mesa, que estava diante dele. O lugar em que a erva desapareceu ficava a 18 polegadas daquele em que estavam as suas mãos; a mesa era uma das de sala de jantar, com molas, abrindo-se por meio de um parafuso: não era elástica e a reunião das duas partes formava uma estreita fenda no meio; foi através dessa fenda que a erva passara; medi-a e achei que tinha apenas 1/8 de polegada de largura. A haste da erva era demasiadamente grossa para que pudesse passar através da fenda sem se quebrar; entretanto todos a tínhamos visto passar por ali, sem dificuldade, docemente, e examinando-a em seguida, vimos que ela não oferecia a mais ligeira marca de pressão ou de arranhão.



Teorias expostas para explicarem os fenômenos observados

Primeira teoria – Os fenômenos são todos resultantes de fraudes, de hábeis disposições mecânicas ou de prestidigitação; os médiuns são impostores e os assistentes são imbecis.

É evidente que essa teoria não pode explicar senão muito pequeno número de fatos observados. Admito de boa vontade que, entre os médiuns que têm aparecido diante do público, existam muitos impostores consumados, que se aproveitam do gosto do público para as sessões espíritas, a fim de encher a bolsa de dinheiro, ganho sem dificuldade; que haja outros que, não tendo para enganar nenhum interesse pecuniário, sejam levados à fraude pelo único desejo, parece, de adquirir notoriedade.

Achei-me em presença de vários desses embustes: alguns eram muito engenhosos; outros eram tão grosseiros que não há uma pessoa testemunha de fenômenos reais que se deixasse enganar.

Um investigador desses gêneros de fatos, que no começo de suas pesquisas encontra uma dessas burlas, desgosta-se e é natural que, ou em particular ou pela voz da imprensa, emita suas opiniões, e englobe na mesma condenação toda espécie de “médiuns”.

Com um médium verdadeiro acontece que os primeiros fenômenos que se observam parecem geralmente provenientes de ligeiros movimentos da mesa e de fracas pancadas sob os pés ou as mãos do médium; esses efeitos, concordo, são muito fáceis de imitar pelo médium ou por qualquer outra pessoa sentada à mesa. Se, como acontece algumas vezes, não se produz nada, o observador céptico retira-se firmemente convencido de que, já tendo com a sua penetração sem igual descoberto que o médium enganava, este tem receio de praticar outras fraudes em sua presença.

Escreverá, pois, aos jornais; explicará a fraude e, provavelmente, expandir-se-á em sentimentos de comiseração à vista do triste espetáculo

de pessoas que, inteligentes em aparência, se deixam levar pelo erro que ele descobriu ao primeiro golpe de vista.

Há enorme diferença entre as sortes de um escamoteador de profissão que, cercado de aparelhos, auxiliado por certo número de pessoas ocultas e de comparsas, iludem pela destreza e ligeireza de mãos, em seu próprio teatro, e os fenômenos que se produzem em presença do Sr. Home, em plena luz, num aposento particular que, até ao começo da sessão, foi ocupado sem interrupção por mim e por meus amigos, que não somente não teriam favorecido a menor fraude, mas ainda observavam a distância tudo o que se passava. Ainda mais: o Sr. Home foi muitas vezes examinado antes e depois das sessões, a seu próprio pedido. Durante as manifestações mais notáveis eu lhe segurava por vezes as mãos e colocava os meus pés sobre os seus; não propus uma só vez modificar as disposições para tornar a fraude menos possível, sem que ele não consentisse imediatamente e, muitas vezes mesmo, chamou a atenção para os meios de controle que se podiam empregar.

Falo sobretudo do Sr. Home, porque tem muito mais força que os outros médiuns com os quais fiz experiências; mas com todos tomei precauções suficientes para que a fraude fosse riscada da lista das explicações possíveis.

Que se não esqueça que uma explicação, para ser admissível, deve satisfazer a todas as condições do problema; não é lógico, pois, que uma pessoa, que talvez só tenha visto alguns fenômenos inferiores, diga: “suponho que tudo isso é burla”, ou mais: “tenho visto como essas peloticas podem ser executadas”.

Segunda teoria – As pessoas que assistem a uma sessão são vítimas de uma espécie de loucura ou de ilusão e se persuadem de que se produzem fenômenos que não existem realmente.

Terceira teoria – Tudo isso é o resultado da ação consciente e inconsciente do cérebro.

Estas duas teorias só podem evidentemente abraçar uma muito pequena parte dos fenômenos e elas mesmas não os explicam senão de maneira improvável: elas podem ser refutadas em poucas palavras.

Chego agora às teorias “espirituais”. É preciso lembrar que a palavra espírito é empregada em um sentido muito vago pelo maior número de pessoas.

Quarta teoria – Os fenômenos produzidos são resultantes do espírito do médium, que se associa talvez ao espírito de todas as pessoas presentes ou de algumas somente.

Quinta teoria – São devidos à ação dos maus espíritos, ou demônios, que se manifestam como querem e da maneira como lhes apraz, a fim de destruírem o Cristianismo e de perderem as almas dos homens.

Sexta teoria – São produzidos por certa classe de seres que vivem na Terra, mas imateriais, invisíveis aos nossos olhos, e todavia capazes, em certos casos, de manifestarem a sua presença. Em todos os países e em todas as épocas, têm sido conhecidos sob o nome de gênios (o que não quer dizer que sejam necessariamente maus), gnomos, fadas, duendes, diabretes, anões, etc.

Sétima teoria – As manifestações são devidas à intervenção dos mortos: é a teoria espiritual por excelência.

Oitava teoria – A da força psíquica que é antes um complemento das teorias 4, 5, 6 e 7 do que uma teoria por si mesma.

Segundo ela, supõe-se que o médium ou o círculo das pessoas reunidas para formar um todo, possui uma força, um poder, uma influência, uma virtude ou um dom, por meio dos quais seres inteligentes podem produzir os fenômenos observados. Quanto ao que podem ser esses seres inteligentes, é matéria para outras teorias.

O que há de certo é que um médium possui uma qualquer coisa que um ser comum não possui. Dai um nome a essa qualquer coisa; chamai-lhe X, se quiserdes, embora o Sr. Serjeant Cox a denomine força psíquica. Esses assuntos têm sido tão mal compreendidos que julgo acertado dar a explicação seguinte, servindo-me das próprias palavras do Sr. Serjeant Cox:

A teoria da força psíquica nada mais é do que a simples verificação do fato quase indiscutível atualmente: o de que, em certas condições, ainda imperfeitamente fixadas e a certa distância ainda indeterminada,

promana do corpo de certas pessoas, dotadas de uma organização nervosa especial, uma força que, sem o contato dos músculos ou do que a eles se ligue, exerce uma ação à distância, produz visivelmente o movimento de corpos sólidos e neles faz vibrar sons. Como a presença de uma tal organização é necessária à produção dos fenômenos, é razoável concluir que essa força procede desta organização por um meio ainda desconhecido. Assim como o próprio organismo é movido e dirigido interiormente por uma força que é a alma, ou é governado pela Alma, Espírito ou Inteligência (dai-lhe o nome que quiserdes) que constitui o ser individual a que chamamos homem; também é razoável concluir que a força que produz o movimento, além dos limites do corpo, é a mesma que o executa dentro dos seus limites. E, assim como se vêem muitas vezes a força exterior dirigida por uma inteligência, também é razoável concluir que a inteligência que dirige a força exterior é a mesma que a governa interiormente. É a essa força que dei o nome de força psíquica, porque esse nome define bem a energia que, em minha opinião, tem sua fonte na Alma ou Inteligência do homem.

Quase inteiramente de acordo com aqueles que adotam esta teoria da força psíquica, como sendo o agente pelo qual os fenômenos se produzem, eu não pretendo afirmar que tal força não possa ser algumas vezes captada e dirigida por alguma outra Inteligência que não seja a da força psíquica.

Os mais fervorosos espiritualistas admitem em realidade a existência da força psíquica sob o nome de todo impróprio de magnetismo, com o qual ela não tem a menor relação, pois eles afirmam que os espíritos dos mortos não podem executar os atos que se lhes atribui senão por meio da força magnética do médium, isto é, dessa força psíquica.

A diferença entre os partidários da força psíquica e a do espiritualismo consiste nisso: – que sustentam aqueles não se ter ainda provado senão de maneira insuficiente que existe um outro agente de direção que não a inteligência do médium e que se trata dos espíritos dos mortos; ao passo que os espiritualistas aceitam como artigo de fé, sem pedir mais provas, que são os espíritos dos mortos os únicos agentes da produção de todos os fenômenos.

Assim, a controvérsia, se reduz a uma pura questão de fato, que não se poderá resolver senão por laboriosa série de experiências e pela reunião de grande número de fatos psicológicos: será esse o primeiros dever que terá a cumprir a Sociedade de Psicologia atualmente em organização.

ⁱ As considerações seguintes são de tal modo importantes que não posso abster-me de citá-las.

Acha-se em carta particular de um velho amigo, a quem enviei uma exposição de alguns desses fatos.

A alta posição que ele ocupa no mundo sábio duplica o valor da opinião que exprime no tocante à tendência dos cientistas.

“Não posso – diz ele – encontrar resposta razoável aos fatos que me expondes.

“É coisa curiosa que mesmo eu, qualquer que seja a tendência e o desejo que tenha de crer no Espiritualismo, qualquer que seja a minha fé no vosso poder de observação e na vossa perfeita sinceridade, experimento como uma necessidade de ver por mim mesmo, e me é de todo penoso pensar que tenho necessidade de muitas provas.

“Digo penoso, porque vejo que não há razão que possa convencer um homem, a menos que o fato se repita tão freqüentemente, que então a impressão pareça tornar-se um hábito de espírito, um velho conhecimento, uma coisa conhecida desde tão longo tempo que se não possa mais duvidar dela.

“É um dos lados curiosos do espírito humano, e os homens de ciência o possuem em alto grau – mais que os outros, creio eu.

“É por isso que não devemos dizer sempre que um homem é desleal só porque resiste por muito tempo à evidência.

“A velha muralha das crenças deve ser abatida à força de golpes.”

ii Nesta memória não dou exemplos desses casos excepcionais e não tiro deles nenhum argumento.

Sem esta explicação poder-se-ia crer que a maior parte dos fatos que acumulei foram obtidos sobretudo nas poucas ocasiões das quais aqui trato e, naturalmente, se objetaria que há insuficiência de exame por falta de tempo.

iii Desejo que se compreenda bem o sentido das minhas palavras: não quero dizer que a vontade e a inteligência do médium se empreguem ativamente de uma maneira consciente ou desleal à produção dos fenômenos, mas que acontece algumas vezes que as suas faculdades parecem agir de maneira inconsciente.

William Crookes - Fatos Espíritos